

Anais do XXX Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

Arte > Obra > Fluxos

Local: Museu Nacional de Belas Artes,
Rio de Janeiro,
Museu Imperial, Petrópolis, RJ
Data: 19 a 23 de outubro de 2010

Organização:
Roberto Conduru
Vera Beatriz Siqueira

texto extraído de

**Sobre posições:
objetos em fluxo,
espaços em refluxo**

Djalma da Fonseca Hermes: um colecionador de arte brasileira

Maria Helena da Fonseca Hermes

UFRJ

Resumo

Djalma da Fonseca Hermes teve franco interesse nas artes plásticas brasileiras. O resultado foi talvez uma coleção mais homogênea que outras, por conta da clareza e foco na arte brasileira. Nosso diálogo trata dos fluxos desses objetos, das compras na Europa e a dispersão em 1941, dos lotes comprados para os museus brasileiros e sua guarda hoje, nestes acervos. Apesar da sua atitude e da dimensão patriótica da coleção, na mão inversa do Brasil importador, ao garimpar o que era brasileiro no exterior para seu acervo, Djalma da Fonseca Hermes permanece um desconhecido do Rio de Janeiro do século XXI

Key words

Colecionador, coleção de objetos de arte, Djalma da Fonseca Hermes

Abstract

Djalma da Fonseca Hermes had strong focus on Brazilian arts. The results of this were great collections, the first one perhaps more homogeneous than others, due to the clarity and focus on Brazilian art. Our dialogue is due on the pattern of these objects, since their acquiring in Europe and spreads through the first auction in 1941 and their role today in private and public collections. Despite his patriotic attitude at that time, working on the inverse hand from whom that bought international pieces to bring them to Brazil, Djalma da Fonseca Hermes remains an unknown character on the Rio de Janeiro's XXI century.

Key words

Art collector, collection of art objects, Djalma da Fonseca Hermes

Djalma da Fonseca Hermes (**Figura 1**) era considerado um dos grandes colecionadores cariocas de sua época, contemporâneo e concorrente de cavalheiros como Guilherme Guinle e Alfredo Ferreira Lage. Diferenciando-se de outros por não ser herdeiro de fortuna pessoal, industrial ou investidor, nem por isso era menos apaixonado pelas artes, pelos objetos e pelo colecionismo. Seu franco interesse nas artes plásticas brasileiras e pelos objetos relacionados à nossa História resultou numa coleção talvez mais homogênea que outras contemporâneas à sua por conta da clareza, o foco, persistência e organização com que se empenhou a reunir pratarias, objetos, mobiliário, pintura e desenhos. E nosso diálogo percorre os fluxos desses objetos desde as compras na Europa à dispersão dos mais de mil objetos, do leilão de 1941. Mas o interesse de Djalma pelas coisas relativas à nossa História foi duradouro e singular, pois adquiria e trazia da Europa peças de arte brasileiras, relativas ao Brasil ou à nossa história dispersas em casas de antiquário e em leilões na Europa, especialmente em Portugal e na França. Djalma norteou sua coleção pela arte brasileira e não pelo que era moda. Fiel a este princípio, era um voraz consumidor amalhando uma quantidade significativa de objetos, segundo a noção da composição de conjuntos ou séries. Djalma foi um colecionador de arte no fluxo inverso do Brasil importador, ao vasculhar e garimpar o que era brasileiro no exterior para incorporar ao seu acervo pessoal no Rio de Janeiro. Não fosse sua coleção tão relevante, não teria havido necessidade de abrir processo para tombar o catálogo e não teriam sido adquiridos mais de 400 lotes diretamente pelo governo de Vargas, distribuídos entre o Museu Imperial de Petrópolis, o Museu Histórico Nacional e a Galeria do Palácio Guanabara. As temáticas de agrupamento das peças e suas descrições nas noites do célebre leilão de 1941 revelam as escolhas do colecionador e também as dos diretores dos museus da capital, redirecionando-as segundo outros reflexos e constituindo-se facetas de observação das artes brasileiras naquele tempo. Apesar da importância da coleção, da dimensão patriótica e da constatação sua afinada sintonia com os temas e o ensino dos professores e artistas da ENBA, nosso colecionador é um personagem desconhecido do Rio de Janeiro do sec. XXI.

Trajetória biográfica

Djalma da Fonseca Hermes era meu tio avô paterno. Filho do secretário geral do Governo Provisório e sobrinho do Marechal Hermes da Fonseca, nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais em 1884 e veio para o Rio de Janeiro com cinco anos com o pai, João Severiano, secretário geral do governo provisório e constituinte de 1891. Estudou no Colégio Pedro II, onde se bacharelou. Trabalhou na Casa da Moeda como escriturário até 1910. Casou-se com *Jeanne Loria Fizzel* em julho de 1911, com quem permaneceu casado durante 66 anos. Em 1911 foi transferido para a Delegacia do Tesouro em Londres, onde morou por três anos. Retornou ao Brasil às vésperas da Primeira Guerra para substituir o pai como Tabelião no 9º Cartório de Ofícios na Rua do Rosário, onde trabalhou por quarenta anos. Faleceu no Rio de Janeiro em janeiro de 1978, com 94 anos.

Para perceber o fluxo de sua primeira coleção de obras de arte recorreu-se a documentos familiares¹, textos publicados nos catálogos² de dois de seus leilões³ e artigos de jornal⁴. Além destes últimos⁵, consultamos a documentação expedida para que fosse dado início o processo de tombamento da coleção, datado de 1941, disponível no arquivo do IPHAN⁶. Um levantamento no Museu Nacional de Belas Artes – MNBA, do Rio de Janeiro, revelou as pinturas das coleções Djalma da Fonseca Hermes que fazem parte desse acervo. No Museu Histórico Nacional foi obtida uma relação das peças de mobiliário da coleção Djalma hoje no acervo.

Os fluxos de dispersão e o reencontro dos objetos das coleções Djalma nos museus cariocas, fluminenses e mineiros revelaram-se interessantes em suas sobreposições à dispersão da primeira coleção em 1941 e nos prometem um palco de refluxos em diversos estudos e pesquisas sobre esse e outros colecionador e sobre o colecionismo de objetos de arte, verdadeiros arquivos permanentes de guarda, proteção e de valoração de nossa memória.

A coleção: fluxo e refluxo

Porque Djalma nos interessa e seu leilão foi importante? Como colecionador de objetos de arte, Djalma nos interessa pelo seu gosto, cristalizado nos conjuntos e nas peças que seus pequeninos olhos eruditos lhe fizeram interessar e adquirir, manter, trocar e conservar. Porque uma coleção de arte se faz por gosto e segundo sentimentos singulares que misturam posse e prazer, representam conquista e um orgulho contido em cada escolha.

Se o *leitmotif* que deu início de sua coleção de arte foi o dos objetos ligados à nossa história, ao declarar “A minha primeira coleção, iniciada quando eu era rapazinho sem recursos, foi feita com o fundo unicamente histórico, tudo quanto à nossa história pertenceu ou a ela dizia respeito, eu procurei angariar. De 1900 a 1941, consegui reunir em minha residência moveis, bronzes, porcelanas, documentos, pinturas gravuras e tudo o mais que tivesse sentido em relação com a nossa história”⁷, indica uma predileção obstinada que permaneceu com o colecionador ao longo de sua longa vida. O início de sua vida de colecionador se deu por meio da filatelia, e chegou a ser considerado como “o mais importante colecionador de selos brasileiros em três continentes.”⁸ Ao dispersar sua

1 ARAUJO, João Hermes Pereira de. *Os 90 anos de um colecionador*, carta a Djalma da F. Hermes.

2 TAUNAY, Affonso de E. *Carta a Djalma*. São Paulo, 30 de abril de 1941

3 BRITTO, Chermont. *Perfil de um grande colecionador*. Abertura. Catálogo do Leilão da Primavera, leiloeiro Ernani. Palácio dos Leilões. Rio de Janeiro, 1997.

4 GONZALES, Mendes. Djalma da Fonseca Hermes: o colecionador. *Jornal do Commercio*. 13/14 novembro de 1977. p.. 25. FBN, 2009.

5 RESENDE, Clarice Campelo de. *O Fim de uma Coleção*. Arte hoje. Ano 1 nº 7 Janeiro de 1978. Rio de Janeiro: Rio Gráfica e Editora. p. 34.

6 ADLER, Homero Fonseca de Castro. MEMO DEPROT/RJ No 278/99. *Parecer de arquivamento do processo 270-Y-41, Coleção de obras de arte pertencentes ao Dr. Djalma da Fonseca Hermes*. Rio de Janeiro 28 abril de 1999.

7 GONZALES, Mendes. *Djalma da Fonseca Hermes: o colecionador*. *Jornal do Commercio*. 13/14 novembro de 1977. p.. 25. FBN, 2009.

8 RESENDE, Clarice Campelo de. *Op.cit.* p. 30.

última coleção, por leilão, em 1977, as palavras de outro colecionador e amigo confirmam e lhe atribuem “raro empenho e um ideal magnífico em colecionar objetos brasileiros, não se dedicando à carreira das armas, determinismo de sua ilustre família, [...]”⁹, confirma que Djalma sempre esteve interessado e ligado às coisas brasileiras. E isso, por si só, já nos parece uma vitória. No caso de Djalma, talvez essa hipótese desnude a constatação de observar sua trajetória discreta e burocrática ancorada na cultura e erudição como um diferencial que lhe garantiu preeminência e reconhecimento, inclusive familiar, uma vez que diferentemente de outros personagens de nossa família daquela época, não optou pela carreira militar.

Quando Djalma expõe o intervalo de tempo decorrido na reunião de sua coleção dispersa no leilão de 1941 e concorda com Affonso Taunay, quando esse afirma: “Para um homem de seu temperamento e suas afinidades o afastamento de um ambiente magnífico como aquele que soube criar, trará certamente uma saudade enorme e penosa.”, é que nos damos conta do tempo, das temporalidades distintas das peças e objetos conquistados, das superposições entre peças e séries de objetos, fluxos e refluxos nas trajetórias e na temporalidade, das peças, da observação do colecionador, das buscas, conquistas, reunião e dispersão. É sobre o colecionador que precisamos tratar, para mergulhar em definitivo nessa trama que se sugere algo mágica, sensível, apaixonante e especial.

Djalma da Fonseca Hermes: o colecionador

Multifacetado, o colecionador transmite características facilmente reconhecíveis, expostas a quem se dispuser a observá-las, por vezes até sem o desejar. Essas transpirações revelam o emanar de conteúdos simbólicos variáveis segundo a personalidade e as peculiaridades de cada indivíduo. Da acumulação serial de objetos idênticos à coleção, subjetiva e estimulada pelas questões das relações humanas, como um jogo, a certeza de que os objetos coletados têm um significado além do que são, enquanto coisas estão os colecionadores de objetos de arte, como parte desse grupo. Seus objetivos, motivos e metas se destacam e, como os colecionadores de outros tipos de objetos, transitam pelas questões da temporalidade e do sentido de guarda, de proteção. Porque se coleciona para compor, sair do uno para o conjunto, formar séries e grupos, estabelecer categorias, ordenar, proteger e salvar.

Revestidas por um caráter simbólico, por vezes quase alegórico, as peças conquistadas transitam entre as questões impostas por sua raridade e as relações que se estabelecem quando dispostas junto a outras raridades já conquistadas, onde todas sempre representam mais que aquilo que são como objetos, segundo uma especial e distinta cadeia de valores e de atributos a elas impostos, unilateralmente, pelo colecionador. Porque é o colecionador quem atribui sua valorização, segundo sua escolha e subjetividades, conceito de valor, gosto, metas, disponibilidades e desejo da posse. O colecionador é quem se vangloria da posse do objeto e é essa posse que lhes valoriza a conquista. No caso de Djalma, parece visível e contagiante sua paixão pelos objetos e também pela conquista dos mesmos. Não

⁹ BRITTO, Chermont. *Perfil de um grande colecionador*. Abertura. Catálogo do Leilão da Primavera, leiloeiro Ernani. Palácio dos Leilões. Rio de Janeiro, 1977

fosse assim, soariam estranhos os comentários abaixo, às vésperas da dispersão de sua última coleção.

...era com essa paixão incontida, esse orgulho indisfarçável esse carinho enternecido de quem ajunta, ao labor de muitos anos, um mundo de coisas boas, que Djalma me exibia, como há pouco, me exibia esses prodígios incomparáveis, essas relíquias estupendas que lhe enchiam o solar. Guia solícito, delicado e inteligente, ele mesmo, com um sorriso de ufanía a flor dos lábios por onde se instilava uma voz macia, ia indicando, enaltecendo, atraindo a atenção para isto, para aquilo, frisando os mínimos detalhes, alçando no ar numa radiosa exclamação de júbilo, o modo por que lhe fora ter às mãos, no Rio ou no estrangeiro esse ou aquele objeto, essa ou aquela preciosidade que nenhum dos museus desdouraria.¹⁰

A posse dos objetos tão especiais insinua a transgressão dos paradigmas da exposição e guarda dos espaços coletivos de fruição, acenando com uma distinção de acesso, possível apenas a poucos de seletos grupo. Uma vez o objeto de posse do colecionador, é esse quem passa a articular todos os direitos relativos a uma verdadeira festa para os sentidos. A seleção, pelo colecionador, daqueles que serão convidados a conhecer e a participar de seus festins de fruição visual, é confirmada e reafirmada em qualidades que o colecionador julga ver nos seus convidados, como seletos comensais dos banquetes onde o que se destaca é o gosto pelo objeto raro.

Um pouco de egoísmo e de vaidade, compulsão e uma vontade (por vezes recolhida) de aprovação, distinção e mérito permeiam e são constitutivos da empreitada da arte de colecionar. Um impulso? Diria que não. A conquista, a perseverança, a organização e disciplina, a exclusividade e a posse, estes sim parte da atitude e dessa vivência, muito peculiar, dos colecionadores, singulares amantes dos objetos de arte. Se, como livros, os objetos guardam duas funções: de serem utilizados e de serem possuídos, onde a primeira depende da totalização prática do mundo pelo indivíduo e a segunda manifesta uma totalização abstrata realizada pelo indivíduo sem a participação do mundo e ainda na razão inversa uma da outra¹¹, para o colecionador de objetos de arte, manter tanto esforço e competências sempre à sombra pode não parecer justo. Promover a fruição da coleção para determinados e seletos convidados, exibi-los a quem com ele se conjuguem ou rivalize em valores, ideais e costumes, disponibilizar e ter seu nome repetido como um mantra talvez guarde determinado espaço no tempo. Mas, dos tempos do leilão do Paço de São Cristóvão em 1890 ao nosso tempo hoje essas relações se modificaram e outros modos de dispersão passaram a ser utilizados e foram criados museus, fundações e coleções particulares cujo acervo é exposto ao público em geral. Djalma não chegou a participar desse último movimento, talvez porque a origem privada de seus recursos não permitisse tamanha despesa, talvez porque na década de 1940, durante a guerra e sob o regime Vargas e em 1970, sob o regime militar, ainda houvesse certa sobreposição em relação à coisa institucional-privada ou talvez simplesmente pelo fato de não ter filhos, herdeiros

¹⁰ GONZALES, Mendes. *Op.cit.* [grifo nosso]

¹¹ MURGUÍA, Eduardo Ismael *apud* BAUDRILLARD, 1997, p.94.

em gosto e atitudes o tivesse feito optar mais uma vez pela dispersão, já então com 93 anos de idade.

São questões delicadas e, talvez, sem uma resposta definida, mas se para cada coleção se pode deslindar um verdadeiro novelo de muitas tramas e articulações como um tecido bem urdido com acentos em cores fortes, verdadeiros expoentes de atração ao olhar, para cada colecionador há uma estória, ou muitas, a serem desfiadas. No caso de Djalma, não seria ele considerado um colecionador autêntico¹² por haver declarado nada ter recebido de herança de seus pais, como tantos outros talvez de origens mais nobres que as de sua família de militares dedicados às armas, qualidade que parece nunca lhe ter passado pela cabeça encampar? O fato é que Djalma optou pela dispersão e, segundo suas palavras era "coleccionador não por intuição, mas sim, porque penso que qualquer ente já nasce com o signo de colecionador, porque só esses, na verdade, vivem e morrem fazendo coleções porque aqueles que forçam o conjunto de uma coleção, [...] em pouco mais ou menos tempo a abandona."¹³

Fluxos e refluxos: sobre posições

Djalma optou pela dispersão, mas sua alma não abandonou suas coleções, objetos queridos, "tão lindos e tão amados". Muito menos eles o abandonaram. Constituem parte de diferentes acervos de museus, como os aqui listados, e coleções particulares (Figura 2) e (Figura 3) e seguem trajetórias pelas tramas que lhes traçaram outros admiradores de objetos de arte, curadores, profissionais das instituições de guarda e proteção, contando fatos, descrevendo cenas, ilustrando, dando a conhecer determinadas formas de ver, mais atentas ao passar do tempo. Segundo Djalma, os objetos de sua coleção eram especiais não apenas pelo que representavam como objetos, mas tinham "um valor espiritual inestimável"¹⁴, o que nos estimula, como historiadores da arte, a refletir sobre as questões e temporalidades que tais objetos nos instiguem a propor.

*"Para mim não tem preço, pois um valor é o venal e outro, o espiritual. Não foi fácil, depois de tantos anos reunindo objetos, pratarias e óleos, desfazer-me deles. Isso porque eles ficaram, de certa forma, fazendo parte de minha vida"*¹⁵

12 SIQUEIRA, Vera Beatriz. *O espelho da biblioteca: tempo e narrativa na coleção Castro Maya*. Revista Palíndromo. Disponível em: <http://ppgav.ceart.udesc.br/revista/> Acesso em: 12/07/2010 às 15:34h.

13 *Djalma da Fonseca Hermes: o colecionador*. Jornal do Commercio. Rio de Janeiro, ano 151 n° 36. Domingo 13 e Segunda 14 de novembro de 1977.

14 RESENDE, Clarice Campelo de. *Op.cit.* p. 34.

15 RESENDE, Clarice Campelo de. *Op.cit.* p. 34.

Instituições cujos acervos contêm peças das coleções Djalma da Fonseca Hermes

Museu Nacional de Belas Artes (MNBA)

Rio de Janeiro (6 peças do leilão de 1941 e 5 peças do leilão de 1967)

Galeria do Palácio das Laranjeiras

Rio de Janeiro (17 lotes leilão de 1941) *

Museu Histórico Nacional (MHN)

Rio de Janeiro (126 lotes leilão de 1941) *

Museu Imperial

Petrópolis (237 lotes leilão de 1941)*

Fundação Museu Mariano Procópio

Juiz de Fora (?)

Museu Chácara do Céu

Rio de Janeiro. 50 peças.

* Segundo anotações na margem do catálogo do leilão de 1941, Processo 270 T SPHAN-41.

Museu Nacional de Belas Artes: MNBA

1 Frans Post: *Paisagem de Pernambuco*

MNBA (2045). Óleo sobre madeira. 34,3 x 47,3cm, sem assinatura; compra Djalma da Fonseca Hermes, 1941. Leilão 1941; lote 954. *Paisagem de Pernambuco*. Preço 80:000\$000

2 Frans Post: *Paisagem da Paraíba*

MNBA (2046). Óleo sobre madeira. 45,4 x 53,7cm, assinado F Post; compra Djalma da Fonseca Hermes, 1941. Leilão 1941; lote 912. *Paisagem da Parahiba*. Preço 50:000\$000

3 Frans Post: *Mocambos*

MNBA (2047). Óleo sobre madeira. 34 x 51cm, assinado; compra Djalma da Fonseca Hermes, 1941 (destaque do acervo). Leilão 1941; lote 970. *Interior de Pernambuco*. Preço 65:000\$000

4 Frans Post: *Olinda*

MNBA (2048) Óleo sobre tela. 79 x 111,5cm, assinado F Post; compra Djalma da Fonseca Hermes, 1941. Leilão 1941; lote 733. *Vista de Olinda*. Preço 130:000\$000

5 Frans Post: *Engenho de cana*

MNBA (2049) Óleo sobre tela. 90,8 x 115,5cm, sem assinatura; compra Djalma da Fonseca Hermes, 1941. Leilão 1941; lote 795. *Vista de Olinda*. Preço 90:000\$000

6 Nicolas Antoine Taunay: *Apolo visitando Admeto*

MNBA (2168) Óleo sobre madeira. 30 x 44cm, assinada Taunay; Leilão 1941; lote 979. *Les joueurs de flute*. Preço 20:000\$000

As 10 peças a seguir teriam sido adquiridas para o acervo da Galeria do Palácio das Laranjeiras além das obras listadas acima, acervo do MNBA.

7 Frans Post: *Amanhecer*

Óleo sobre madeira. 57 x 72cm; Leilão 1941; lote 1072. Preço 200:000\$000

- 8 Frans Post: *Paisagem de Olinda*
Óleo sobre madeira. 65 x 55cm; Leilão 1941; Lote 864. Preço 90:000\$000
- 9 Nicolas Antoine Taunay: *Igreja da Glória*
Óleo sobre tela. 32 x 46cm; Leilão 1941; lote 947. Preço 26:000\$000
- 10 Nicolas Antoine Taunay: *L'union fait la force*
Óleo sobre tela. 38 x 46cm; Leilão 1941; Lote 909. Preço 10:000\$000
- 11 Nicolas Antoine Taunay: *Gioto et Cimabue*
Óleo sobre tela. 15 x 12cm; Leilão 1941; lote 839. Preço 5:000\$000
- 12 Nicolas Antoine Taunay: *Luiz IVX faisant sés adieux a Mlle Lavalère*
Óleo sobre tela. 34 x 48cm; Leilão 1941; lote 867. Preço 15:000\$000
- 13 Nicolas Antoine Taunay: *Dance des nymphes*
Óleo sobre madeira. 17 x 23cm; Leilão 1941; lote 756. Preço 30:000\$000
- 14 Nicolas Antoine Taunay: *Convoi militaire*
Óleo sobre madeira. 12 x 24cm; Leilão 1941; lote 759. Preço 15:000\$000
- 15 E. Rensburg: *Souvenirs de Voyages*
24 gravuras coloridas com vistas do Rio de Janeiro; Leilão 1941; lote 728. Preço 15:000\$000
- 16 J.B Debret: *Quitandeira*
Aquarela. 17 x 12cm; Leilão 1941; lote 758. Preço 1:500\$000
- 17 J.B Debret: *Vestíbulo de Palácio de Petropolis*
Aquarela. 21 x 14cm; Leilão 1941; lote 755. Preço 1:500\$000

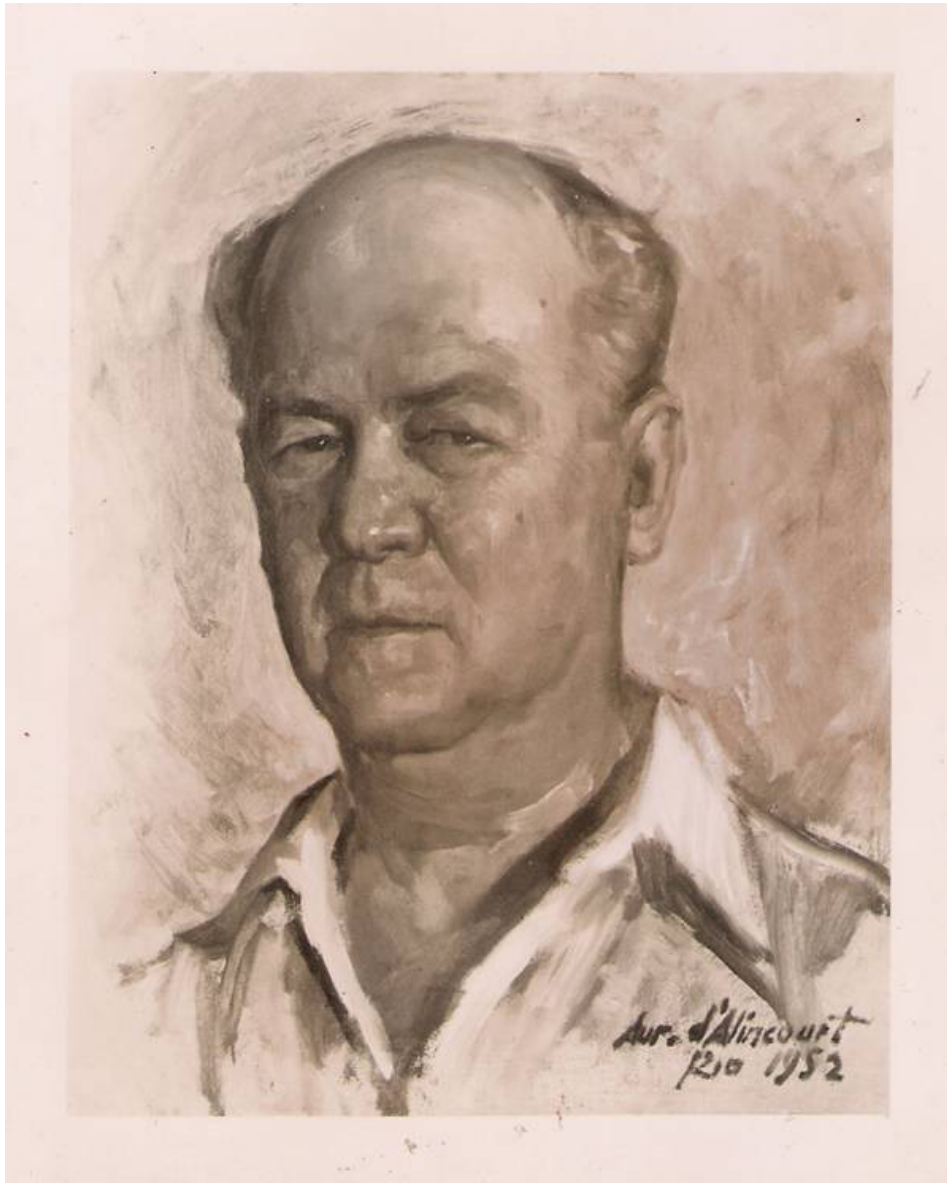
Museu da Chácara do Céu: Museus Castro Maya

Nicolas Antoine Taunay: *Vista do outeiro, praia e Igreja da Gloria*
Óleo sobre tela. 37 x 48, 5 cm. Circa, 1817

Consta na relação de objetos selecionados para compra direta pelo governo Vargas no leilão de 1941 para a Galeria do Palácio Guanabara; Lote 947

- 1 Nicolas Antoine Taunay: *Vista tirada do morro da Glória*
Óleo sobre tela, 47 x 57 cm. Circa, 1820
- 2 Julien Léopold Boilly: *Nicolas Antoine Taunay*
Oleo sobre tela, 42 x 33,6 cm. Circa, 1825

NOTA: Essas três telas fazem parte da lista de peças tidas como compradas da coleção Fonseca Hermes. Os registros do Museu da Chácara do Céu ainda não nos permitiram confirmar quais as peças pertenceram à Djalma, por ter sido informação obtida numa anotação manuscrita de Castro Maya.



Djalma da Fonseca Hermes , 1952.
D'Alincourt

Acervo da família. Foto da autora, 2010



Pour des cuisiniers de xxxxx (ilegível).

óleo 75 x 58.

Bail, Joseph

Coleção Djalma da Fonseca Hermes em coleção particular da família. Foto da autora, 2010.



Naveta de prata, c. 1750.

Coleção Djalma da Fonseca Hermes em coleção particular da família.
Foto da autora, 2010.